

ARTIGO ORIGINAL**“O QUE É SER VELHA?”: CONCEPÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO SOB A ÓTICA DE PESSOAS IDOSAS ACOMPANHADAS PELO SUAS*****WHAT DOES IT MEAN TO BE OLD?": CONCEPTIONS ABOUT AGING FROM THE PERSPECTIVE OF ELDERLY PEOPLE ASSISTED BY SUAS*****Hemanuella Eliza Viana da Silva¹****Monica Villaça Gonçalves²****Diego Eugênio Roquette Godoy Almeida³****Giovanna Bardi⁴**

¹Graduada em Terapia Ocupacional. Terapeuta Ocupacional na Protea Neurodesenvolvimento. E-mail: hemanuella.vianato@gmail.com

²Graduada em Terapia Ocupacional. Doutora em Terapia Ocupacional. Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), vinculada ao Departamento de Terapia Ocupacional. E-mail: monica.v.goncalves@ufes.br

³Graduado em Terapia Ocupacional. Doutor em Educação e Saúde na Infância e Adolescência. Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) vinculado ao Departamento de Terapia Ocupacional. E-mail: diego.e.almeida@ufes.br

⁴Graduada em Terapia Ocupacional. Doutora em Política Social. Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), vinculada ao Departamento de Terapia Ocupacional. E-mail: giovanna.bardi@ufes.br

Resumo

A sociedade brasileira está se tornando mais longa, demandando do Estado respostas às necessidades que emergem deste fato. Esta pesquisa objetivou compreender quais as concepções as pessoas idosas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) possuem sobre o processo de envelhecimento, bem como apreender se as concepções contemplam projetos de vida e perspectivas de futuro. Para a coleta de dados, foram realizadas três oficinas de atividades em quatro SCFV para idosos em diferentes bairros. As oficinas buscaram extrair as concepções das pessoas idosas acerca do envelhecimento, sendo gravadas e, posteriormente, registradas em diários de campo. Os resultados mostraram que as pessoas idosas que frequentam o serviço exercem sua autonomia, além de serem incentivadas pelas atividades dos locais a refletir sobre como viver o envelhecimento por meio de uma perspectiva positiva. Apesar de apresentarem concepções negativas sobre o envelhecimento, como a fragilidade física, predominaram na fala das pessoas idosas concepções positivas como maior liberdade e tempo para realizar o que gostam. Pessoas idosas de bairros periféricos relataram medo e insegurança para circular no território, bem como receio de que seus direitos não sejam respeitados pela sociedade. De uma forma geral, as participantes tiveram dificuldades para pensar em projetos de futuro, mas demonstraram desejo de manter boas relações e de permanecerem ativas para realizarem as atividades que gostam. Por fim, a pesquisa demonstrou que espaços destinados a esse público exercem um importante papel na independência, na rede de suporte e na ampliação de relações para as pessoas idosas.

PALAVRAS-CHAVE

Envelhecimento; Representação Social; Política Social; Proteção Social.

Abstract

Brazilian society is becoming more long-lived, demanding responses from the State to the needs that arise from this fact. This research aimed to understand the conceptions that elderly people in the Socializing and Strengthening Bonds Service (SCFV) have about the aging process, as well as to ascertain whether these conceptions include life projects and future perspectives. For data collection, three activity workshops were held in four SCFVs for the elderly in different neighborhoods. The workshops aimed to extract the elderly's conceptions about aging, being recorded and later registered in field

diaries. The results showed that the elderly who attend the service exercise their autonomy and are encouraged by the activities of the places to reflect on how to live aging from a positive perspective. Despite presenting negative conceptions about aging, such as physical frailty, positive conceptions such as greater freedom and time to do what they like predominated in the elderly's discourse. Elderly people from peripheral neighborhoods reported fear and insecurity about circulating in the area, as well as concerns that their rights would not be respected by society. Overall, participants had difficulty thinking about future projects but demonstrated a desire to maintain good relationships and remain active to carry out the activities they enjoy. Finally, the research showed that spaces intended for this audience play an important role in independence, support networks, and expanding relationships for the elderly.

KEYWORDS

Aging; Social Representation; Social Policy; Social Protection.

1 Introdução

No Brasil, no ano de 2022, o total de pessoas com 65 anos ou mais (22.169.101) chegou a 10,9% da população, com alta de 57,4% frente a 2010, quando esse contingente era de 14.081.477, ou 7,4% da população (IBGE, 2023). Além disso, no país, o índice de envelhecimento chegou a 55,2 em 2022, indicando que há 55,2 pessoas com 65 anos ou mais de idade para cada 100 crianças de 0 a 14 anos - em 2010, o índice era de 30,7 (IBGE, 2023). Os dados mostram que a sociedade brasileira está se tornando mais longa, requerendo do Estado respostas às demandas que emergem a partir dessa nova configuração etária, a fim de que a proteção social e o envelhecimento digno sejam garantidos, sobretudo para a população idosa em vulnerabilidade social (Teixeira, 2017).

Em relação às respostas do Estado no âmbito da assistência social, em 2004, foi publicada a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) (Brasil, 2004). Esta política deve prover a proteção social, garantindo, a todos que dela necessitam, e sem contribuição prévia, a provisão dessa proteção por meio de serviços, programas, projetos e benefícios de proteção social para famílias, indivíduos e grupos (Brasil, 2004).

No ano de 2009, a Resolução CNAS nº 109 estabeleceu a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, organizando a oferta dos serviços do SUAS por níveis de complexidade: proteção social básica e proteção social especial, de média e de alta complexidades (Brasil, 2014). Para a população idosa, na proteção social básica, tem-se: o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) (Brasil, 2014). Nos espaços em que o serviço é ofertado, geralmente Centros de Convivência para a Terceira Idade (CCTIs), busca-se contribuir para o processo de envelhecimento saudável, para o desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades e para o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários (Brasil, 2014).

Observa-se na literatura que as percepções sobre o envelhecimento tidas por pessoas idosas e pela sociedade, de uma forma geral, são permeadas por muitos estigmas, havendo, entretanto, compreensões positivas que apontam o processo de envelhecimento como parte do curso natural da vida (Castro; Araújo, 2020). As pessoas idosas fazem menções às maiores oportunidades de acesso à educação em saúde e ao lazer (Araújo, Coutinho, Carvalho, 2005), mais possibilidades de realizarem passeios e frequentarem espaços de convivência e, assim, aproveitar o tempo presente (Luiz et al., 2018). Viver novas experiências e ressignificar as responsabilidades também são aspectos mencionados, e que contribuem para menos sofrimento no cotidiano (Góis; Santos; Araújo, 2020), dentre outros aspectos.

Por outro lado, pontuam também que sofrem preconceito/discriminação, possuem dificuldades nas relações familiares, vivenciam sentimentos de solidão e de medo da morte (Araújo; Coutinho; Carvalho, 2005); além de perceberem perda de saúde e/ou funcionalidade, perda de papéis sociais e mudanças consideradas negativas na sexualidade (Castro; Araújo, 2020).

Levando em consideração que trabalhar aspectos relativos ao envelhecimento compõe os objetivos dos SCFV junto às pessoas idosas, essa pesquisa tem como objetivo compreender as concepções sobre envelhecimento tidas por indivíduos acompanhados nos serviços para a população idosa na proteção social básica do SUAS, e como objetivo específico apreender se as concepções tidas sobre envelhecimento contemplam projetos de vida e perspectivas de futuro. O conceito de projeto de vida na velhice refere-se ao desejo e à intenção de transformar o cotidiano do idoso, integrando experiências do passado e do presente para almejar um futuro com significado (Barros; Santos, 2021). Trata-se de um conjunto de ações intencionais voltadas para a realização de objetivos pessoais (Santana; Bernardes; Molina, 2016).

Aponta-se para importância de que os serviços voltados para a população idosa possam acessar como o seu público compreende o processo do envelhecimento para oferecer ações coerentes e mais direcionadas às suas expectativas.

2 Método

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Para a realização do campo foram realizadas três oficinas de atividades em quatro SCFV para pessoas idosas de diferentes regiões do município da pesquisa, cada uma com duração de 1h a 1h30, a depender do engajamento do grupo na atividade proposta, totalizando 12 oficinas.

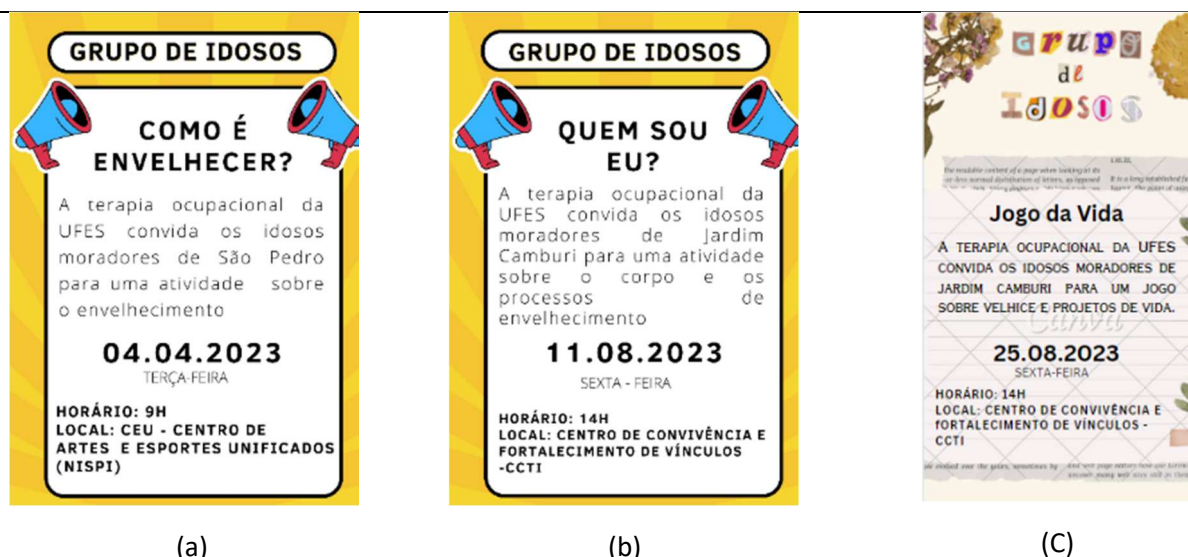
A oficina de atividade é uma metodologia de intervenção utilizada na terapia ocupacional (Lopes et al., 2014). Compreende-se que tal metodologia também pode ser utilizada para a realização de pesquisas participativas, uma vez que possibilita a aproximação dos participantes de pesquisa, abordando a sua temática central, neste caso, o envelhecimento. Por meio do fazer compartilhado, as oficinas se utilizam de técnicas para construção da relação com possíveis sujeitos e coletivos e possibilitam uma gama de distintas expressões, aplicabilidades e materialidades que podem ser utilizadas como estratégias metodológicas, registros e fonte de dados (Silva, 2013).

Esse processo, se bem conduzido, associado às outras formas de apreensão, permite, ao pesquisador terapeuta ocupacional, fazer uma leitura do universo daquele que faz [a atividade] de uma forma mais ampla, complementando, corroborando ou contradizendo os dados obtidos por meio da observação (participante ou não), da entrevista ou da ação conjunta (PEREIRA; MALFITANO, 2014, p. 549).

As atividades foram planejadas junto à orientadora e tiveram como foco os objetivos a serem alcançados com a pesquisa. Antes de cada oficina, o planejamento era enviado para a coordenação dos serviços, junto de um convite a ser compartilhado com as pessoas idosas para que fossem motivadas a comparecer no dia da oficina de atividade.

A primeira oficina realizada em cada local foi nomeada de “Como é envelhecer?” tinha como foco uma conversa inicial sobre o envelhecimento, sendo a discussão permeada por perguntas de como era a vida dessas pessoas antes dos 60 anos (fase adulta), de como era a vida após os 60 anos e quais mudanças haviam sido percebidas no processo do envelhecimento. As falas eram anotadas em um quadro dividido em “fase adulta” e “60+”, feito em papel kraft pela pesquisadora. Numa segunda etapa da atividade, foram tiradas fotos dos participantes por meio de uma câmera de impressão instantânea, seguida de uma discussão sobre o que pensavam quando se viam em uma foto.

Figura 1 – (a, b, c) Fotografia dos convites das oficinas de atividades compartilhados com as pessoas idosas



Fonte: Produção própria (2023).

Na segunda oficina, nomeada de “Quem sou eu?”, os participantes eram convidados a realizar coletivamente um mapa corporal. Os integrantes dos grupos tinham à disposição o desenho de um contorno corpo humano em que foram incentivados a representar as suas percepções sobre o processo do envelhecer, sendo todo o processo norteado pela pesquisadora por meio de perguntas disparadoras como “O que mudou na cabeça, em relação à forma de pensar?”, “Houve mudança ou não na pele?”, “O que podemos dizer sobre os braços e as pernas?”. O mapa corporal é um método de pesquisa usado para contar uma história que reflete visualmente os processos sociais, políticos e econômicos, bem como as experiências incorporadas dos indivíduos e os significados atribuídos às suas circunstâncias de vida que moldam quem as pessoas se tornam (Gastaldo et al., 2012). A oficina era finalizada com uma conversa sobre os possíveis projetos de vida que as pessoas idosas possuem a curto ou médio prazo e que são factíveis de serem alcançados.

Na última oficina, nomeada de “Jogo da vida”, foi elaborado e produzido pela pesquisadora um jogo de tabuleiro com perguntas sobre envelhecimento e projetos de vida, por meio das quais era possível provocar reflexões sobre perspectivas de futuro existentes ou não pelos integrantes. As pessoas eram divididas em dois grupos, cada participante do grupo jogava o dado e logo depois tirava uma carta do baralho onde continha uma pergunta. Após ler a pergunta em voz alta, iniciavam uma mímica para que o seu grupo adivinhasse a resposta pensada. Cada grupo tinha 50 segundos para a adivinhação. Se acertassem a resposta, andavam no tabuleiro o número de casas correspondente ao dado, caso não acertassem, permaneciam na mesma casa.

Os quatro SCFV onde se realizaram a pesquisa se localizam em diferentes bairros da cidade, com características e história diferentes. Dois deles, que foram nomeados de bairro A e bairro B, são bairros periféricos cuja constituição histórica se deu através da ocupação da população que aterrou a região, jogando lixo e restos de materiais de construção no mangue, construindo assim casas de madeira com barras de sustentação (Barcelos; Freitas; Toscano, 2021). A falta de apoio do poder público nessa construção do bairro é refletida ainda hoje na violência manifestada por assaltos, drogas e assassinatos ocorridos na região (Nunes; Neto, 2012).

Já os outros dois, nomeados de bairro C e bairro D, pertencem à região continental do município da pesquisa. Até o final da década de 1970, a região onde se encontram estes bairros se converteu no foco preferencial para instalação de moradores da classe média e a instalação do complexo industrial e portuário foi o fator determinante para o crescimento urbano do local (Mendonça, 1995). Entre as décadas de 1950 e 1980, a expansão urbana no citado eixo ganhou volume e a construção dos conjuntos habitacionais contribuiu para a formação de um ambiente urbano, com facilidade de infraestruturas urbanas - tornando-se altamente

rentável para os cofres públicos (Mendonça, 1995). Esse histórico sobre os bairros se mostra relevante, uma vez que diferencia o público frequentador de cada um dos serviços com relação à classe social e condições de vida.

Participaram entre 13 e 27 pessoas idosas em cada uma das oficinas, com faixa etária entre 60 e 87 anos, sendo a maioria do público do sexo feminino, conforme o Quadro 1. Não foram utilizados critérios de inclusão ou de exclusão dos participantes, pois todos aqueles que frequentavam cada SCFV foram convidados para participar das oficinas.

Quadro 1 – Relação das oficinas realizadas nos SCFV.

Data - Local	Atividade	Participantes
04/04/2023	“Como é envelhecer?”	15 mulheres (60 a 75 anos);
SCFV - bairro A		3 homens (70 anos)
19/04/2023	“Quem sou eu?”	25 mulheres (60 a 79 anos);
SCFV - bairro A		5 homens (70 a 79 anos)
26/04/2023	“Jogo da vida”	12 mulheres (65 a 75 anos);
SCFV - bairro A		2 homens (70 anos)
08/05/2023	“Como é envelhecer?”	18 mulheres (65 a 87 anos)
SCFV - bairro B		
29/05/2023	“Quem sou eu?”	19 mulheres (65 a 87 anos)
SCFV - bairro B		
05/06/2023	“Jogo da vida”	17 mulheres (65 a 87 anos)
SCFV - bairro B		
03/07/2023	“Como é envelhecer?”	19 mulheres (60 a 75 anos);
SCFV - bairro C		1 homem (73 anos)
10/07/2023	“Quem sou eu?”	19 mulheres (60 a 75 anos);
SCFV - bairro C		1 homem (73 anos)
17/07/2023	“Jogo da vida”	19 mulheres (60 a 75 anos);
SCFV - bairro C		1 homem (73 anos)
11/08/2023	“Como é envelhecer?”	11 mulheres (60 a 75 anos);
SCFV - bairro D		2 homens (70 anos e 80 anos)
18/08/2023	“Quem sou eu?”	13 mulheres (60 a 75 anos);
SCFV - bairro D		1 homem (75 anos)
25/08/2023	“Jogo da vida”	13 mulheres (60 a 75 anos);
SCFV - bairro D		1 homem (75 anos)

Fonte: Produção própria (2023).

Com a autorização dos participantes, os encontros foram gravados para que, posteriormente, os dados fossem registrados e analisados de forma mais aprofundada. Após cada encontro, foram escritos diários de campo, sendo destacadas as informações que respondiam ao objetivo geral e ao objetivo específico da pesquisa, sucedendo o agrupamento das informações que se assemelhavam em cada uma das atividades

realizadas. Neste processo foi utilizada a análise de conteúdo que consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos [...] de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens” (Bardin, 1977, p. 42).

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da [informação suprimida] sob o número de parecer [informação suprimida]. Os participantes da pesquisa tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido assinado e explicado pela pesquisadora responsável.

3 Resultados

Ao todo, foram realizados doze encontros com as pessoas idosas (três em cada um dos serviços). Nas oficinas havia entre 13 e 30 pessoas, em sua maioria mulheres⁵, sendo seis homens no total. Percebe-se que a quantidade de pessoas do sexo masculino a frequentar o SCFV é muito inferior à quantidade de mulheres. Tal desigualdade é apontada como característica dos serviços socioassistenciais, que pode se dar em função da centralização das ações no público feminino, seja por razões históricas (maior presença das mulheres nas demandas familiares e de cuidado) ou por definição de públicos-alvo nos programas (Garcia, 2023). Em relação à faixa etária, a maior parte tinha entre 60 e 80 anos, viúvas ou separadas, morando sozinhas.

Para a discussão, os resultados encontrados serão divididos em três categorias: 1. Mudanças físicas e percepções sobre a imagem; 2. Sentimentos, sensações e ser uma pessoa idosa; e 3. Projetos e desejos para o futuro.

Com relação às mudanças físicas, as pessoas idosas de todas as instituições mencionaram as dificuldades advindas do envelhecimento, como fragilidade, falta de força, lentificação e a ideia de que o envelhecimento é algo triste, apresentando também perspectivas de que a vida mudou com a idade, fazendo com que coisas que gostavam de realizar não fossem mais possíveis.

As participantes expuseram, ainda, observações em relação às condições características do envelhecimento como a catarata, artrose, realização de cirurgias do joelho e questões mais sérias como câncer. Outras mudanças no corpo foram citadas, como: perda dos dentes e da audição; diminuição do apetite; aparecimento das rugas, manchas, cabelos brancos e finos; “papada”, “pelanca no braço” (pele flácida) ou mudanças em geral na pele; dores; cicatrizes de cirurgias; feridas; mudanças nos olhos que ficam mais caídos, além da diminuição e ressecamento da visão; mudança nos dedos, na voz e nos seios/ citando ainda alterações que permeiam fatores mentais como: lapsos de memória e esquecimento. Tais transformações foram apresentadas por elas como naturais e inerentes ao envelhecimento, porém trazem incômodos para o cotidiano das mesmas.

Em Luiz et al. (2018) há resultados que corroboram com o que foi dito anteriormente, uma vez que as pessoas idosas exibem visões negativas do processo de envelhecer em que idade é um fator limitante devido às dificuldades funcionais e devido ao preconceito da sociedade, que considera a pessoa idosa como alguém ultrapassada. Este resultado também está presente em Castro e Araújo (2020), que referem que o marcador etário unido à finitude da vida, indica perdas não apenas ligadas ao fator físico, mas aos fatores emocionais e sociais.

Segundo Rougemont (2019), a abordagem biomédica predominante encara o envelhecimento como um processo natural, relativamente previsível, em que a perda de vitalidade e funcionalidade é inevitável. Entretanto, nesta lógica, há certa dificuldade em se delimitar o que seria natural do processo do envelhecimento e o que seria considerado doença. Em uma tentativa de diferenciar tais aspectos, a biomedicina aponta uma diferenciação entre processos e eventos: enquanto processos são contínuos e difíceis de delimitar, eventos têm início e causa definidos. As doenças enquadram-se nesse último conceito e são foco da intervenção médica, que busca corrigir desvios da norma. Assim, embora o envelhecimento seja natural,

as doenças associadas à velhice são tratadas como anomalias, criando uma tensão entre o que é considerado normal e o que exige intervenção (Rougemont, 2019).

Essa tensão, que ora pende para o envelhecimento como um processo natural e ora pende para a compreensão do envelhecimento como adoecimento, ressoa no imaginário social e encontra lugar na lógica neoliberal ocidental na qual o envelhecimento encontra-se associado à desvalorização, à não produtividade e à geração de despesas para o Estado e para as famílias (Teixeira, 2017). Assim, as transformações advindas do envelhecimento assumem um caráter essencialmente negativo e indesejado.

Contudo, segundo as participantes, tais mudanças fizeram com que houvesse um cuidado maior com o bem-estar físico, o que levou a uma melhora da saúde se comparada à fase adulta:

“Melhora das dores com a ginástica” (Sra. N. - bairro B).

“A parte boa é exercícios, faço ioga 3 vezes por semana, hidro 1 vez, alongamento e por enquanto não tomo medicamento e a forma é uma boa alimentação” (Sra. K. - bairro C).

“Exercícios, atividade, caminhar, hidroginástica” (Sra. F. - bairro D).

Figura 2 – (a, b, c) Fotografia dos mapas corporais produzidos pelas pessoas idosas.



(a)



(b)



(c)

Fonte: Produção própria (2023).

Algumas das pessoas idosas apontaram mudanças na sexualidade, em relação à perda do desejo/vontade sexual e/ou não pensamento sobre o assunto devido à idade. Entretanto, sete das participantes, sendo das diferentes instituições, apontaram sobre o ato sexual reduzir o estresse, apontando também que sentem falta de realizar a atividade, pontuando questões físicas que dificultam o ato sexual, como ressecamento da genitália.

De acordo com Souza et al (2022), as idosas veem a sexualidade como um tabu permeado de preconceitos, entretanto admitem um diálogo sobre o assunto demonstrando percepções positivas sobre o tema. Há, entre elas, um entendimento de que a sexualidade é algo normal e necessária na vida, considerando que para além do ato em si, uma relação é pautada pela presença de sentimentos de amor, afeto, carinho e companheirismo, expondo que o principal dificultador da expressão sexual é a falta de um relacionamento com um parceiro guiado por esses aspectos.

Em relação às percepções sobre a imagem, as mulheres apresentaram incômodo, dizendo não gostar e até mesmo odiar a velhice. Contudo, também houve percepções positivas, como pode-se observar abaixo:

“Eu não gosto, odeio ser velha, odeio a velhice” (Sra. Q. - bairro D).

“Assusta muito chegar à velhice, hoje me olho menos no espelho” (Sra. S. - bairro A).

“Muita coisa diferente do que eu era” (Sra Se. - bairro B).

“Bonita” (Sra V. - bairro B).

“Eu me acho linda, maravilhosa e me amo” (Sra. H. - bairro C).

“Estou linda” (Sra. D. - bairro D).

Pontua-se, em Araújo (2017), aspectos relacionados à aparência/estética onde a sociedade impõe um padrão de beleza que faz com que algumas mulheres idosas se sintam desconfortáveis com a velhice. Segundo Antônio (2020), o ideal contemporâneo de envelhecimento ativo — especialmente quando apresenta forte ênfase na responsabilidade individual — acabou por favorecer a expansão de um mercado amplo de produtos e serviços antienvelhecimento. Essa lógica mercadológica está próxima de uma “indústria da perfeição”, onde a busca por juventude, performance e melhoria corporal se torna uma forma de consumo e não apenas uma política de saúde pública (Antônio, 2020).

Contudo, com as participantes da pesquisa esse desconforto com velhice não se apresentou como unanimidade. Apesar de existir uma preocupação com a imagem e uma comparação com o antes, as mulheres preservaram a autoestima e se mostraram felizes com a aparência. As atividades físicas, que são incentivadas e praticadas por elas ainda hoje, como ginástica e caminhada, além de melhorar as dores, fazem com que tenham uma postura mais aceita socialmente, “cintura fina”, “panturrilha durinha”, “bunda grande”. O discurso das integrantes dos grupos, foi de um processo de aceitação:

“Cada idade tem sua beleza, é preciso se aceitar de acordo com a idade” (Sra. Y. - bairro B).

“Eu acho que eu sinto que a vida é essa. A gente nasce, cresce, constitui uma família, vai crescendo [...] faz parte do processo” (Sra. G. - bairro C).

“Então a minha vida é isso. É viver. Viva o hoje, viva alegre e feliz com o que você tem dentro de você. Palpável, na sua mão. Eu penso assim. Minha maneira de encarar a vida, ainda tem muita coisa pra rolar debaixo da minha ponte” (Sra. A. - bairro C).

“[...] uma alegria quando chega aos 90 anos” (Sra. Q. - bairro D).

Elas apontaram a utilização de relógio, bolsa, unhas pintadas como meio de se manterem bem e se sentirem bonitas. O envelhecimento se mostra como um contínuo que denota um processo cumulativo de tempo (Castro; Araújo, 2020) sendo um momento que há um acúmulo de experiência, sabedoria e um sentimento de ser guerreira/lutadora, acentuando a imagem do estar bem, se sentir bonita/ linda, elegante, especial, forte e amada.

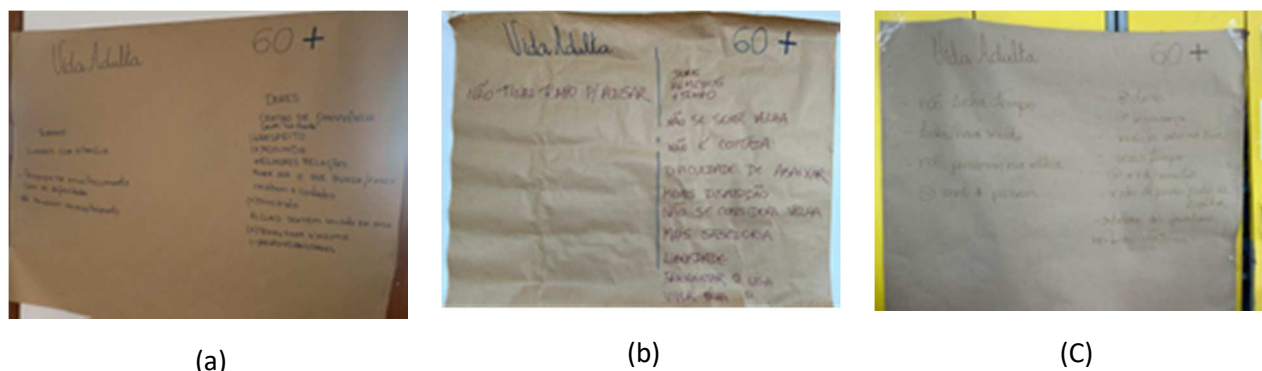
A perspectiva sobre o envelhecimento apresentada pelas idosas aponta, portanto, para a desconstrução do discurso hegemônico centrado em perdas, declínio e vulnerabilidades, sem aderir a uma visão romantizada, entendendo a velhice como uma etapa do desenvolvimento humano, marcada por conquistas, desafios, descobertas e redescobertas, bem como por fragilidades e possibilidades (Barros; Santos, 2021).

Essa concepção se mostra contra a corrente neoliberal, uma vez que é interessante e lucrativo para o capitalismo que as pessoas se sintam desconfortáveis com o processo de envelhecimento, tanto para o favorecimento da indústria anti-envelhecimento, como para alimentar a ideia de envelhecimento ativo (Antônio, 2020).

Em relação aos pensamentos sobre a velhice, a maioria das participantes expuseram que, antes de chegar aos 60 anos, o envelhecimento não era um tema de preocupação ou que sequer o consideravam, pois, devido

à necessidade de trabalhar, não havia tempo para descansar, tampouco para pensar sobre o envelhecer. Entretanto, nos dois SCFV dos bairros de classe média (bairros C e D), duas mulheres apontaram a preocupação em relação ao envelhecimento devido ao desejo de terem uma velhice tranquila. As participantes dos quatro locais pontuaram que, ao longo da vida, não mudaram nada em relação à forma de pensar sobre a vida, apenas adquiriram mais sabedoria, disseram estarem mais tranquilas e alegres, além de terem aprendido muitas coisas.

Figura 3 – (a, b, c) Fotografia dos quadros produzidos a partir das falas das pessoas idosas sobre envelhecimento



Fonte: Produção própria (2023).

Na literatura, pode-se encontrar menção às pessoas idosas que expressam serem felizes nesta fase da vida, por ser um momento em que podem experimentar coisas que antes não tiveram oportunidade, por terem, na velhice, menos sofrimentos e mais oportunidades de melhorias a partir de alguns ganhos (Góis; Santos; Araújo, 2020), dentre eles a sabedoria adquirida com a idade (Aguilar; Camargo; Bousfield, 2018; Santos; Araújo, 2021).

Em contrapartida, há um discurso entre as participantes sobre não se considerarem velhas ou pessoas idosas:

“Não me considero velha mesmo nos meus atuais 70 anos, me considero muito jovem e apesar de todos os sofrimentos hoje sou feliz” (Sra. P. - bairro A).

“Não cheguei na fase de idoso ainda” (Sra. V. - bairro B).

“Não me sinto com 65, me sinto com 45 e aí?” (Sra. A. - bairro C).

Sobre não se considerarem pessoas idosas, apresenta-se nesse ponto a associação da velhice a algo ruim, ideia preponderante na sociedade capitalista e na cultura ocidental. Os anúncios publicitários atuais enfatizam, na maior parte de suas campanhas, a necessidade de as mulheres não envelhecerem, oferecendo produtos e serviços que atenuam a passagem do tempo nos corpos femininos (Araújo, 2017). As participantes, por estarem bem e felizes com a realidade física que apresentam hoje em dia, dizem não serem velhas, independente das mudanças e/ou questões pessoais que possam vir a incomodar. Contudo, a ideia da velhice não precisa estar associada a coisas negativas, mesmo havendo um reforço na sociedade atual para conformar o pensamento de que o envelhecer é perfeitamente contornável sendo, de certa forma, inadmissível socialmente (Araújo, 2017). Além disso, há uma “feminização” da velhice no Brasil em virtude de uma maior longevidade das mulheres em relação aos homens (Araújo, 2017).

Com relação aos sentimentos, há uma diferença entre as participantes dos serviços dos distintos bairros quanto, por exemplo, a sentirem mais medo e solidão nesta fase da vida. As mulheres dos bairros de classe média (bairros C e D) demonstraram preocupação com o cuidado com os filhos e netos por sentirem que são e/ou precisam ser a rede de suporte dessas pessoas, todavia se sentem só, mesmo com o cuidado e as visitas frequentes desses familiares. Quanto às mulheres dos bairros periféricos/populares de classe baixa (bairros A

e B) o medo e a solidão se mostraram presentes, principalmente durante a pandemia, com a perda do poder de escolha e falta de companhia para sair. Além disso, questões físicas e à maior fragilidade na senilidade foram questões ligadas ao sentimento de medo, pois têm receio de não conseguirem reagir em situações de violência:

“Acho que a gente fica mais medrosa com a idade porque na minha opinião tudo continua a mesma coisa, a violência, o dia a dia, mas que agora ficamos com mais medo [...] ficamos mais frágeis, hoje em dia não posso correr mais” (Sra. Se. - bairro B).

“A maior diferença e dificuldade na velhice é a solidão, viver sozinha” (Sra. O. - bairro B).

“Penso muito na velhice pois agora não são só os filhos, mas tem os netos. Tem o pensamento que não posso faltar para eles (no sentido de morrer e deixá-los)” (Sra. C. - bairro C).

“Tenho preocupação com as dores que aparecem, com a questão financeira, ainda com os filhos [...] fico mais limitada com dores e outras questões minhas. Essas preocupações não se vão” (Sra. W. - bairro C).

Pode-se inferir que o sentimento de solidão seja algo comum para algumas pessoas idosas, pois essa emoção se apresenta, comumente, para pessoas dessa faixa etária, seja por falta de uma rede de relações ou por viverem sozinhos devido à independência financeira (Daniel; Antunes; Amaral, 2015), o que se relaciona diretamente aos motivos apresentados pelas pessoas idosas da presente pesquisa.

Em relação ao sentimento de medo, há de se considerar as diferenças socioterritoriais entre eles. A vulnerabilidade social e violência ainda existente nos dois bairros periféricos da pesquisa transparece no discurso das pessoas idosas frequentadoras dos dois SCFV destes bairros, que referiram não ter mais a mesma agilidade para correr, caso precisem fugir de alguma situação perigosa.

Tal receio não apareceu na fala das pessoas idosas dos outros dois bairros, demonstrando uma diferença de como as idosas percebem a sua localidade de moradia e circulação. As diferenças dos territórios são demarcadas pelo viés histórico e pelas relações sociais e culturais (Bianchi; Malfitano, 2020). Borges et al. (2023) apontam que o uso do território ocorre de forma desigual, visto que as desigualdades sociais se colocam como entraves para os sujeitos participarem plenamente da cidade. Assim, a depender de cada território, a forma como as pessoas idosas vivem, os espaços que acessam e as possibilidades de circulação sofrem impacto, por perceberem o cotidiano de forma diferenciada.

As participantes do SCFV do bairro B apresentaram também receio ao sair de casa, principalmente quando estão nos meios de transporte como ônibus. Apontaram que o desrespeito nesse local, tanto no que se refere ao fato de serem pessoas idosas como a violação de seus direitos, é muito grande:

“Hoje em dia não se pode nem sair de casa. Você está no ônibus e corre o risco de alguém entrar e querer matar o motorista e quem está dentro” (Sra. R. - bairro B).

“Falta de respeito no ônibus, as pessoas, principalmente os mais jovens, fingem que estão dormindo para não dar lugar” (Sra. VD. - bairro B).

Neta et al (2019) expõem a opinião das pessoas idosas sobre a necessidade de terem seus direitos respeitados, tanto no que se refere à não violência física ou verbal quanto ao respeito moral à pessoa idosa. As pessoas idosas entrevistadas no artigo relatam sobre a sociedade não aceitar a prioridade legitimada para essas pessoas nos espaços em geral e/ou nas filas de banco e assentos dos ônibus. Contudo, o Estatuto da Pessoa Idosa define que “aos maiores de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semiurbanos, exceto nos serviços seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares [...] serão reservados 10% (dez por cento) dos assentos para os idosos, devidamente identificados com a placa de reservado preferencialmente para idosos” (Brasil, 2013,

p. 25-26). Há um desejo por parte dessas pessoas de serem tratados e cuidados com respeito e receberem atenção tanto por parte da família como pela sociedade (Neta et al., 2019).

Em relação aos direitos, as mulheres dos SCFV dos bairros C e D expõe outra realidade, no que diz respeito ao acesso a espaços de cultura e ao próprio SCFV, onde se sentem bem e respeitadas.

“Pagar meia em teatro, cinemas” (Sra. G. - bairro C).

“A casa é muito boa e o respeito aqui, a maior coisa que eu já vi aqui é o respeito” (Sra. U. - bairro D).

Como dito anteriormente, os bairros A e B foram construídos através da ocupação do manguezal, sendo a luta por infraestrutura fortalecida e conquistada pelo Movimento Comunitário formado no próprio bairro. A região que era conhecida como “lugar de toda pobreza”, devido a realidade em que viviam os moradores, atualmente mesmo com a urbanização e a mudanças em relação à escolaridade, à profissão e à renda familiar, além da valorização de iguarias do local, tem dificuldades em relação segurança (Nunes; Neto, 2012). Os bairros C e D, entretanto, foram construídos devido a intensificação, a partir da década de 1970, da industrialização e do surgimento de pequenos conjuntos habitacionais de apartamentos destinados à classe média baixa e funcionários das empresas que estavam localizadas no seu entorno respectivamente (Wolkart; Conde; Jesus, 2019). Considera-se que a realidade de moradia dos bairros em que se encontram os serviços pesquisados é desigual, o que pode influenciar diretamente na forma como esses moradores entendem e vivem os seus direitos não somente como pessoas idosas, mas como cidadãos. Dessa maneira, a forma de organização da cidade, reflete na distinção de acesso aos direitos, devendo considerar que existe a distância geográfica, a distância política que são fatores que influenciam quando discutimos o acesso aos direitos da população pobre e periférica, além da falta de acesso à informação. Estar na periferia significa dispor de menos meios efetivos para atingir as fontes e os agentes do poder, dos quais se está mal ou insuficientemente informado (Santos, 2013).

Ressalta-se, entretanto, a presença também de sensações positivas no discurso das mulheres ao dizerem que se sentem mais livres e que, hoje, podem aproveitar mais o tempo que, muitas vezes, não tinham na adolescência e até mesmo na infância. Hoje em dia, o tempo que tem podem sair sozinhas, “sem filho no colo”, para conhecer lugares novos, ou conhecer a própria casa:

“Vivia aquela vida, mais segundo a vontade dos outros, hoje eu, sim, eu vivo [...] entrei aqui no CEU [Centro de Artes e Esportes Unificados], conheci as meninas, amo estar aqui com elas [...] e vou descobrindo assim, a minha liberdade. [...] não tem vou fazer isso, vou fazer aquilo, posso fazer isso? Posso fazer aquilo? Que horas que vai? Que horas que volta? Eu não tenho mais isso, eu vou a hora que eu quiser, volto a hora que eu quiser. Não tenho mais essa preocupação” (Sra. C. - bairro A).

“Na velhice, a gente sente que tem menos responsabilidades. Visita os filhos e fica com os netos, mas quando eu me proponho” (Sra. F. - bairro D).

“Pra mim continua mais ou menos a mesma coisa, porque agora eu posso fazer muita coisa que eu não fazia antes, né? E antes eu vivia em função dos outros, agora eu vivo mais para mim que para os outros” (Sra. Z. - bairro D).

“Hoje sinto que tenho mais liberdade porque os filhos não estão mais em casa, estão casados, então eu e meu marido vivemos para nós” (Sra. L. - bairro C).

Além disso, durante as oficinas, demonstraram gratidão a Deus e à vida por chegarem à idade que têm e pela jornada que tiveram, falando sobre serem guerreiras/vencedoras, além de poderem realizar atividades que gostam (tirar foto, estudo, tocar instrumentos, dançar, assistir vídeos coreanos e brincar com amigos e netos).

“Muita gratidão a Deus por eu ter a cabeça boa para resolver todos os problemas que me aparecem” (Sra. E. - bairro B).

"[...] Deus no coração, acima de tudo, eu não acordo se eu não agradeço, eu não deito se eu não agradeço e peço força para caminhar. Agradeço por mais alguma oportunidade" (Sra. A. - bairro C).

Há uma concordância com a literatura sobre o sentimento de maior liberdade e gratidão (também em uma dimensão espiritual) associados ao envelhecimento (Santos; Araújo, 2021), pela vida e a possibilidade de aproveitar o tempo presente, para fazer coisas que não foram possíveis fazer antes (Luiz et al., 2018).

Ainda em relação aos sentimentos e sensações, as participantes destacaram o SCFV como um local que faz com que elas se sintam bem, que contribui para que tenham uma visão positiva sobre o envelhecimento, além de um espaço de descobertas e aprendizados. De acordo com Araújo, Coutinho e Saldanha (2005), pessoas idosas que frequentam grupos de convivência reconhecem a importância da participação nesses espaços como uma rede de suporte no que diz respeito à possibilidade de construir novas amizades, de dispor de momentos de alegria e de bem-estar na velhice e à presença do respeito. Nestes espaços, o envelhecimento e a velhice são ressignificados por meio de socialização, oportunidades de aprendizado, prática do lazer e atividades físicas ou culturais distribuídos nas diversas oficinas e espaços educativos (Gomes et al., 2024).

Na ocasião da terceira oficina realizada em cada SCFV foi perguntado aos participantes se tinham projetos e desejos para o futuro. A pergunta foi feita seguida de uma explicação: foi exposto para as mesmas que ao mencionar "projetos para o futuro" havia referência à projetos que, na visão delas, fossem ações simples e possíveis de serem executadas dentro do prazo de até um ano, e que a pergunta não era sobre sonhos distantes da realidade ou que não dependessem delas para a concretização.

Essa reflexão foi levada às idosas por uma defesa dos pesquisadores de que, ao longo de todas as fases da vida, faz-se necessário elaborar projetos, estabelecer objetivos e manter uma perspectiva voltada para o futuro, apropriando-se daquilo que é significativo em cada momento vivido. Trata-se de um processo contínuo de reinvenção, que envolve reconhecer o que já se foi e projetar aquilo que ainda se deseja ser. Nesse sentido, refletir sobre o próprio vir-a-ser implica um movimento constante de reconstrução, que reivindica adaptação aos desafios e às circunstâncias impostas pela vida (Barros; Santos, 2021).

Como resultado da reflexão, mesmo diante da explicação, as mulheres dos SCFV dos bairros periféricos (bairros A e B) apresentaram dificuldade para pensar no futuro e em coisas que gostariam de fazer, sendo que apenas três mulheres conseguiram expor planos/projetos de vida (viagens, aproveitar o tempo, aprender coisas novas).

Tal resultado pode relacionar-se a diferentes fatores próprios da velhice, como a percepção do apoio familiar, das condições de saúde e dos recursos financeiros, bem como a motivação e a capacidade do sujeito para realizar desejos e projetos (Santana; Bernardes; Molina, 2016). Considera-se, ainda, que a velhice no Brasil é um fenômeno marcado por experiências de desempoderamento, fragilização e vitimização cultural (Sousa; Castro; Sá, 2012), o que torna desafiador reconhecer-se como sujeito de desejo e potência, tanto no plano individual quanto coletivo.

Já em relação ao público dos SCFV dos bairros C e D houve diferença: as componentes do grupo do bairro C não tiveram dificuldade em pensar sobre projetos para o futuro; e as participantes do bairro D, em sua maioria, apresentaram dificuldades para falar sobre o assunto ou expuseram com convicção que não possuíam planos e que viviam um dia de cada vez, aproveitando cada dia como único (mesmo sendo bastante ativas):

"Ter sonhos na minha idade é difícil" (Sra. E - bairro B).

"Viver o dia de hoje" (Sra. E - bairro B).

"Eu não penso muito no futuro não, eu vivo o aqui e o agora" (Sra. D. - bairro D).

Este pensamento pode estar associado à ideia difundida na sociedade sobre a velhice estar diretamente ligada à finitude da vida como exposto em Santos, Tura e Arruda (2011), em que os participantes da pesquisa evidenciaram palavras como "morte", "doença" e "degeneração" ao pensarem sobre envelhecimento.

Além disso, como houve diferença em relação às participantes dos diferentes territórios, aponta-se, de acordo com Motta (2015), que o envelhecimento precisa ser analisado levando em consideração os marcadores de gênero e de classe social, uma vez que tais categorias podem impactar na forma como as pessoas enxergam a si mesmas e as suas vidas. As mulheres que tiveram mais facilidade para expor seus projetos de futuro foram às que vivem em bairros de classe mais alta, nos permitindo inferir que há melhores condições de acesso e de circulação. A correlação entre classe e mobilidade social na velhice é abordada por Batistoni e Neri (2007), ao apontarem que, ao longo da vida ou do processo de envelhecimento, as pessoas idosas podem ter ajustado o seu nível de aspiração às condições de que dispõem (principalmente os mais pobres), tendo aprendido a lidar com as adversidades associadas ao baixo nível social, além de demonstrarem hipóteses que talvez as pessoas idosas tenham um nível de aspiração mais baixo do que os jovens.

Apesar da dificuldade de expressarem seus desejos de futuro, quando mais instigadas a pensar em coisas que gostariam de fazer, as mulheres expressaram o desejo de aproveitar a vida, fazer viagens, ter boas relações sociais, estudar, manifestar a sua fé e relacionamentos amorosos, continuar fazendo o que gostam e sendo ativas, trabalhando ou mesmo só aproveitando o dia:

“Ir para o Rio e ir ao Maracanã ver o jogo do Flamengo” (Sra. De - bairro B).

“Ficar e se sentir em paz” (Sra. VD - bairro B).

“Estar em grupo e casar” (Sra. AG - bairro A).

“Olha, eu penso todos os dias, de poder ter amigos/amigas e assim, convidar para tomar um café na minha casa, na padaria e a coisa que mais quero fazer hoje em dia, curtir minha neta” (Sra. EL - bairro D).

“Manter a mente ativa fazendo cursos e jogos” (Sra. L - bairro C).

Santos e Araújo (2021), argumentam que para as pessoas idosas o investimento em saúde, lazer e educação é importante para viver um envelhecimento ativo e saudável. Segundo os autores, o envelhecimento é foco principal para concretização da continuidade da vida, do viver bem e por mais tempo, com capacidade de assumir o controle e tomar decisões, fatores estes que envolvem a valorização da autonomia e da independência (Luiz et al., 2018).

Todavia, também se faz necessário apresentar a crítica à ideia de envelhecimento ativo que, por vezes, ignora desigualdades estruturais ao longo do curso de vida, como: classe social, gênero, condições de saúde, acesso a recursos materiais e simbólicos (Ribeiro, 2012). O envelhecimento ativo, na lógica neoliberal, tende a ser associado a valores de produtividade, independência e desempenho, frequentemente alinhados a lógicas econômicas e de mercado. Dessa forma, envelhecer “bem” passa a ser uma obrigação moral e idosos que não conseguem manter níveis elevados de atividade podem ser vistos como fracassados ou passivos, desconsiderando que o envelhecimento envolve perdas, fragilidades e dependências legítimas (Ribeiro, 2012).

Sobre a menção inicial de não ter projetos de vida, pode-se inferir que as concepções de envelhecimento das pessoas idosas participantes da pesquisa contemplam projetos e perspectivas de futuro, porém devido ao estigma da sociedade sobre a velhice ser permeada por aspectos pejorativos, associando o envelhecimento biológico à morte e ao senso de fim de vida (Fonseca et al., 2018), é como se as pessoas idosas não sentissem que têm “permissão” para denominar suas vontades como projetos de futuro.

4 Conclusão

Esta pesquisa teve como objetivo compreender quais as concepções as pessoas idosas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) possuem sobre o processo de envelhecimento, bem como apreender se as concepções contemplam projetos de vida e perspectivas de futuro.

As participantes da presente pesquisa apontaram aspectos negativos relacionados às mudanças físicas que estão diretamente ligadas ao processo de envelhecer como rugas, manchas, cabelos brancos, “papada”, pele

flácida, além de um cansaço mais evidente e mudanças na sexualidade, o que reflete diretamente em como essas pessoas olham para si e expõe suas percepções sobre a autoimagem. Evidenciaram ainda sentimentos de solidão, além do medo de serem desrespeitadas em relação aos seus direitos. Contudo, os estigmas e tabus atrelados à essa fase da vida não impedem que as pessoas idosas, em alguns momentos, desvinculem a velhice de algo ruim e até mesmo em alguns casos, vivam sua sexualidade de forma plena.

As concepções positivas sobre o envelhecimento foram mais evidentes que as concepções negativas. Elas mencionaram que as mudanças físicas evidenciaram a importância do cuidado com o bem-estar físico, e que as atividades físicas levam à uma melhora na autoestima devido às mudanças positivas geradas (“cintura fina”, “postura”, “panturrilha durinha”), além de possibilitarem viver com mais qualidade e realizar atividades que gostam. Relataram também sobre a liberdade que hoje usufruem de tomar decisões, usar o próprio tempo e como, apesar dos aprendizados constantes da vida, permanecem com as mesmas ideias sobre como devem viver.

Além disso, apesar de elas não pensarem sobre o processo de envelhecimento antes de efetivamente chegar à velhice, a partir dos 60 anos aprenderam sobre si mesmas e a si priorizarem, independente de relações familiares conflituosas.

Notou-se que as participantes moradoras dos bairros de periferia possuem mais medo ao circularem pelos espaços dos bairros e de não terem os seus direitos respeitados. A violência e a falta de segurança, por exemplo, se colocaram como fatores limitantes para a possibilidade de vivenciarem espaços de convívio e lazer. Assim, as pessoas idosas de classe baixa participantes da pesquisa tem a sua liberdade limitada devido às dificuldades do próprio território quanto à violência e à mobilidade urbana, contudo, demonstram que entendem e usufruem da liberdade que dispõe atualmente para aproveitar momentos de descanso e lazer, (re)descobrimo interesses e se relacionando com o outro de outras formas.

Em relação ao futuro, as integrantes tiveram dificuldade de expressar possíveis projetos, mas quando instigadas a pensar em coisas que gostariam de fazer as participantes demonstraram desejo de manterem boas relações, além de permanecerem ativas para viajar e para dar continuidade às atividades que gostam de fazer. Algumas delas manifestaram desejo de ter relações amorosas novamente, enquanto outras disseram apenas que preferem viver um dia de cada vez.

A pesquisa mostrou como as pessoas idosas que frequentam os espaços de convivência para a terceira idade procuram exercer sua autonomia, liberdade e desejos, além de serem convidadas a refletir sempre sobre o que é e como viver o envelhecimento não apenas ligado aos fatores negativos. Os espaços destinados a esse público exercem um importante papel na independência, na rede de suporte e na ampliação de relações para as pessoas idosas.

A partir disso, recomenda-se que gestores e profissionais da proteção social básica do SUAS possam dar ênfase à circulação dos idosos em seus territórios, fortalecendo o sentimento de pertencimento comunitário, como também para além dele, ampliando o repertório de possibilidades de acessos. Além disso, o estudo mostrou que se faz importante trabalhar a temática dos projetos de vida por meio de atividades que reflitam sobre perspectivas e desejos futuros, discutindo meios concretos de realização destas metas.

Como limitação do estudo, aponta-se o fato do público alvo ter sido majoritariamente representado por pessoas do sexo feminino, implicando num viés de gênero nos achados da pesquisa, sendo pouco apreendida a perspectiva dos homens acerca do envelhecimento. Esse dado reforça os achados da literatura que apontam que, de uma forma geral, os homens estão presentes em menor número nos serviços socioassistenciais em comparação às mulheres. Dessa maneira, recomenda-se que novas pesquisas possam se dedicar a esta questão.

Referências

AGUIAR, Adriana de; CAMARGO, Brígido Vizeu; BOUSFIELD, Andréa Barbará da Silva. Envelhecimento e Prática de rejuvenescimento: estudo de representações sociais. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, p. 494-506, jul-set.2018.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; CARVALHO, Virgínia Ângela Menezes de Lucena e. Representações Sociais da Velhice entre Idosos que Participam de Grupos de Convivência. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 1, n. 25, p. 118-131, mar. 2005.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SALDANHA, Ana Alayde Werba. Análise comparativa das representações sociais da velhice entre idosos de instituições geriátricas e grupos de convivência. **Psico: revista semestral do Instituto de Psicologia da PUC Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 2, n. 36, p. 197-204, maio/ago. 2005. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1390/1090>> . Acesso em: 15 fev. 2023

ARAÚJO, Denise Castilhos de. Velha pra isso: representação da velhice feminina em campanha publicitária de natura. **Revista Observatório**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 161-182, jan-mar. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições: 70, 1977.

BARCELOS, Lorrany Damasceno; FREITAS, Jéssica Oliveira; TOSCANO, Otavio. Uma análise sobre: a escola da ciência- biologia e história (VITÓRIA-ES). **Periodicos Ufes**, Vitória, n. 6, p. 1-10, 12 nov. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/semap/article/view/36161>> . Acesso em: 19 dez. 2023.

BARROS, Amanda Souza Lopes; SANTOS, Claudimara Chisté. Moinhos de sonhos: projetos de vida no envelhecimento. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 36, p. 217-228, dez. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2021000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jan. 2026.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares; NERI, Anita Liberalesso. Percepção de classe social entre idosos e suas relações com aspectos emocionais do envelhecimento. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 3-10, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472007000200002>. Acesso em: 23 fev. 2024.

BIANCHI, Pamela Cristina; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Território e comunidade na terapia ocupacional brasileira: uma revisão conceitual. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 2, p. 621-639, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/4QMhKR6Kmj93MyxQbfst3QP/>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BORGES, Danielle Rodrigues; MORAIS, Elivany de Paulo; RODRIGUES, Ana Paula Moreira; LADEIRA, Elizângela de Souza; PEREIRA, Gabriela Colodetti; ALMEIDA, Diego Roquette Godoy; GONÇALVES, Monica Villaça; BARDI, Giovanna. O território e a prática da Terapia Ocupacional social em direitos humanos: um ensaio a partir do Centro de Referência das Juventudes. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 7, n. 3, dossiê temático:2033-2044, 2023. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto58172.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**: Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf. Acesso em: 04 ago. 2023.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Secretaria Nacional de Assistência Social**. Resolução nº 145, de 15 de outubro de 2004, aprova pelo Conselho Nacional de Assistência Social a Política Nacional de Assistência Social - PNAS. Diário Oficial: Brasília, 2004. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf> . Acesso em: 20 jul 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Sistema Único de Assistência Social. **Tipificação nacional de serviços socioassistenciais**. Brasília: MDS, 2014.

CASTRO, Jefferson Luiz de Cerqueira; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. O conhecimento vem dos rios: as representações sociais do envelhecimento entre idosos ribeirinhos. **Ciências Psicológicas**, v. 14, n. 2, p. 1 – 15, jul-dez 2020.

DANIEL, Fernanda; ANTUNES, Anna; AMARAL. Inês. Representações sociais da velhice. **Análise Psicológica**, v. 3, n. 33, p. 291-301, 2015.

FONSECA, Rochele Paz; TRENTINI, Clarissa Marcel; VALLI, Felicia; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Representações do envelhecimento em agentes comunitários da saúde e profissionais da enfermagem comunitária: aspectos psicológicos do processo saúde-doença. **Ciências & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 4, p. 1275-1284, 2018.

GARCIA, Renata Rocha Anjos. **A proteção social do SUAS e os sujeitos do sexo masculino: os ausentes presentes**. 2023. 249 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2023.

GASTALDO, Denise; MAGAHLÃES, Lilian; CARRASCO, Christine; DAVY, Charity. **Body-Map Storytelling as Research: Methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping**. P. 1-51, 2012. Disponível em: <<http://www.migrationhealth.ca/undocumented-workers-ontario/body-mapping>>

GÓIS, Érika Carolina Porto de; SANTOS, José Victor de Oliveira; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; Representações sociais sobre a velhice masculina: abordagens de homens idosos participantes do grupo de convivência. **Revista Subjetividades**, v. 20, n. 1, p.1-9, 2020.

GOMES, Ivani Soleira; MAFRA, Simone Caldas Tavares; MELO, Mônica Santos de Souza; SANTOS, Nilton Bahlis dos; OLIVEIRA, Mariana de Paula; SALGADO, Sara Maria Lopes. O discurso da velhice e do envelhecimento de um centro de convivência do idoso em um município da zona da mata de Minas Gerais. **Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 29, n. 1. 2024. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.125904>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico: 2022: população por idade e sexo (Pessoas Idosas - 60 anos ou mais de idade)**. 2023. Disponível

em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102038>>. Acesso em: 22 de jul. de 2024

LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata; SILVA, Carla Regina.; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira. Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional UFSCar**, v. 22, n. 3, p. 591-602, 2014.

LUIZ, Karine Kátia Iria; LORETO, Maria das Dôres Saraiva de; MAFRA, Simone Caldas Tavares; FERREIRA, Marco Aurélio Marques. Envelhecimento e velhice: protagonismo, temporalidade e desafios. **Temporalis**, Brasília, v. 18, n. 35, p. 289-304 jan-jul. 2018.

MENDONCA, Eneida Maria Souza. **(Trans)formação planejada de territórios urbanos em Vitória (ES): o bairro Camburi**. 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

MOTTA, Alda Britto da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 13, p. 191–221, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327>>. Acesso em: 8 jan. 2024.

NETA, Anaita de Sousa Rocha; GOMES, Erika Ravena Batista; LEAL, Haertori da Silva; BRILHANTE, Aline Veras; SOUSA, Izabella Neiva de Albuquerque; BEZERRA, Gicinayana Luz Sousa Pachêco. Percepção de idosos sobre violência na terceira idade. **CIAIQ: Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, p. 1710-1715, 2019. Disponível em: <<https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2418/2315>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

NUNES, Kezia Rodrigues; NETO, Amarílio Ferreira. Além da Lama e do Lixo: Movimentos de Escolarização em São Pedro, Vitória/Es (1977-2007). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 109-130, mar. 2012.

PEREIRA, Paulo Estevão; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Olhos de ver, ouvidos de ouvir, mãos de fazer: oficinas de atividades em Terapia Ocupacional como método de coletas de dados. **Interface**, v. 18, n. 49, p. 415-422, 2014.

RIBEIRO, Oscar. O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição

Sociologia. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Número temático: Envelhecimento demográfico, p. 33-52, 2012.

ROUGEMONT, Fernanda dos Reis. Medicina Anti-aging no Brasil: controvérsias e a noção de pessoa no processo de envelhecimento. **Rev. antropol. (São Paulo, Online)**, v. 62 n. 2: 403-431, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161077> Acesso em: 14 jan. 2026.

SANTANA, Carla da Silva; BERNARDES, Marina Soares; MOLINA, Amanda Marcório Touro Blanco. Projetos de vida na velhice. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 171-186, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/59848/40722> Acesso em: 13 jan. 2026.

SANTOS, Milton. O espaço da cidadania e outras reflexões. 2ª ed. Brasília. 2013

SANTOS, José Victor de Oliveira; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. Envelhecimento masculino entre idosos gays: suas representações sociais. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 971-989, 2021.

SANTOS, Verônica Braga dos; TURA, Luiz Fernando Rangel; ARRUDA, Angela Maria Silva. As representações sociais da pessoa velha construídas por adolescentes. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 497-509, 2011.

SILVA, Carla Regina. As atividades como recurso para a pesquisa. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 21, n. 3, p. 461-470, 2013.

SOUSA, Ivone Félix de; CASTRO, Marli Bueno de; SÁ, Eline Alcoforado Maranhão de. A realidade social do idoso e a política de assistência social. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 81-96, jan./mar. 2012.

SOUZA, Joice Anne Rodrigues de; CARRIJO, Jennyfer Anne Pereira; FERREIRA, Pollyana Cristina dos Santos; GONÇALVES, Jurema Ribeiro Luiz. Fatores influenciadores da sexualidade em mulheres idosas. **Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem**, v. 12, n. 38, p. 247-256, 2022. DOI: 10.24276/rrecien2022.12.38.247-256. Disponível em: <<https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/634>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento do trabalhador na sociedade capitalista. In: TEIXEIRA, S. M. (Org.). **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel Social, 2017. p. 31-53.

WOLKART, Isabella; CONDE, Karla Moreira; JESUS, Luciana Aparecida Netto; RAMOS, Larissa Andara. Identificação dos espaços livres e análise das praças na Regional 9 – Jardim da Penha / ES. **Anais do II Simpósio Nacional de Gestão e Engenharia Urbana: Blucher**, São Paulo, p. 267-275, 2019.

Submissão: 25/07/2024

Aceite: 15/01/2026

Como citar o artigo:

DA SILVA, Hemanuella Eliza Viana et al. "O que é ser velha?": concepções sobre o envelhecimento sob a ótica de pessoas idosas acompanhadas pelo SUAS. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 31, 2026. DOI: 10.22456/2316-2171.141438